

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO	11
I — A OLARIA DE VILAR DE NANTES	
Contribuições para o estudo da sua situação, problemas e perspectivas	15
1. — A olaria em Vilar de Nantes	17
Nota prévia	17
1.1. — <i>Situação da olaria de Vilar de Nantes</i>	19
1.1.1. — Os homens	19
1.1.2. — As técnicas	24
— o barro	24
— o torno	30
— o forno	34
1.1.3. — A produção	38
1.1.4. — A comercialização	41
1.2. — <i>A profissão de oleiro</i>	47
1.2.1. — Regime de trabalho, condições e consequências	47
1.2.2. — O futuro da profissão em Vilar de Nantes: balanço e perspectivas	49
2. — A olaria em Bisalhães	55
2.1. — <i>Os homens</i>	55
2.2. — <i>As técnicas</i>	59
2.3. — <i>A produção</i>	66
2.4. — <i>A comercialização</i>	67
2.5. — <i>A olaria de Bisalhães: situação e perspectivas</i>	71

3. — As medidas a tomar: sugestões para uma intervenção	75
3.1. — <i>Medidas a tomar: princípios e objectivos</i>	75
3.2. — <i>Concretização das medidas</i>	77
3.2.1. — <i>Melhoria das condições técnicas e humanas da produção</i>	77
3.2.2. — <i>Organização e comercialização</i>	82
3.2.3. — <i>Fomento da aprendizagem, recrutamento de jovens artistas</i>	84
3.3. — <i>Medidas a tomar: resumo conclusivo</i>	88
II — DO ARTESANATO NA REGIÃO NORTE DE PORTUGAL ...	91
Considerações prévias	93
1. — Princípios básicos de intervenção	97
2. — Alguns problemas e algumas medidas	101
2.1. — <i>Os artesãos do futuro</i>	101
2.1.1. — <i>O problema</i>	101
2.1.2. — <i>As medidas</i>	105
2.2. — <i>O produto artesanal e suas funções</i>	110
2.2.1. — <i>O problema</i>	110
2.2.2. — <i>As medidas</i>	114
2.3. — <i>As associações de artesãos: da vivência comunitária à associação voluntária</i>	118
3. — Conclusão: Autarquias e Artesanato	123
III — CULTURA E DEFESA DO PATRIMÓNIO CULTURAL	
Reflexões sobre a instalação da «Casa da Cultura de Mirandela»	129
1. — Cultura e defesa do património cultural	131
1.1. — <i>Cultura</i>	131
1.2. — <i>Património Cultural</i>	134
1.3. — <i>Defesa e preservação do património cultural</i>	136
1.4. — <i>Algumas medidas de defesa do património cultural</i> ...	139
1.4.1. — <i>Levantamento e classificação</i>	140
1.4.2. — <i>Promoção do uso</i>	141
1.4.3. — <i>Acção educativa</i>	143
2. — Notas sobre a criação duma «Casa da Cultura de Mirandela»	145
2.1. — <i>Centro da memória de Mirandela</i>	146

2.2. — <i>Pedagogo do futuro</i>	148
2.2.1. — <i>Animação do património</i>	148
2.2.2. — <i>Criação de património</i>	150
2.2.3. — <i>A Casa da Cultura e a juventude</i>	150
IV — POLÍTICA CULTURAL E ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	153
1. — <i>Estratégia de desenvolvimento e política cultural</i>	155
2. — <i>Estratégia de desenvolvimento regional e diferenças culturais</i>	161
3. — <i>Indicações sumárias para uma política cultural regional</i> ...	167
3.1. — <i>Política cultural e planeamento regional</i>	168
3.2. — <i>Política cultural regional e instrução</i>	170
3.3. — <i>Conservação e preservação do património cultural</i> ...	174
3.4. — <i>Cultura, recreio e criação</i>	178

Elas foram, com efeito, comandadas pela necessidade de responder a solicitações precisas que se podem considerar benéficas, constante de casos, o funcionamento que se...

Sacada, porém, que essas solicitações procedam dum mesmo comandatário, a Comissão de Coordenação da Região do Norte, e desta recebe orientação e destino: não é dizer que seu teor é a Região, e seu objectivo sempre tem a ver com as condições e modos do processo de regionalização, visto da perspectiva da unidade, que é o sector concreto de que se trata.

Das duas facetas referidas, a circunstancialidade das tarefas é a perspectiva cultural, aliada aos quatro textos apresentados não uma unidade mas sim uma convergência, que leva, por vezes, à repetição insistente de temas, de frases, de propostas. É que cada texto tem o seu momento e a sua história, mais ou menos independente, a qual vem de algum modo de a seguir-se — o que não impede a existência de certos pontos de contacto, nem mesmo de uma certa unidade de espírito, que se manifesta em certos aspectos...